

A CURA DE NAAMÃ: REFLEXÃO SOBRE O SENTIDO DE LEPRA NO ANTIGO ISRAEL E AS RELAÇÕES CONFLITIVAS A PARTIR DA LEITURA DE 2RS 5, 1-19

Gláucia Loureiro de Paula¹⁹
Jeová Rodrigues dos Santos²⁰
Diessyka Fernanda Monteiro²¹

RESUMO

Esse artigo apresenta uma reflexão sobre o sentido de lepra no Antigo Testamento e na as relações conflituais apresentadas na narrativa histórica de Naamã em 2Rs 5,1-19. O objetivo analisar as possibilidades de significação e respostas às indagações existenciais que se colocaram diante da lepra e a possibilidade de morte. Parte da hipótese de que a história de Naamã apresenta-se como imagem de relações de conflitos e preconceitos, que são atribuídos a essa doença, e mostra as bases levíticas da fé judaica, refletindo sobre a doença, a busca por saúde e cura em um contexto cultural onde saúde, pureza e santidade eram evidências da bênção de Deus, e sem ela a exclusão seria inevitável. Metodologicamente, através de pesquisa bibliográfica, percebe-se que a religião legitimou o poder sacerdotal e as normas levíticas de pureza e santidade, através do campo do sagrado, com seus ensinamentos e ritos sacrificiais. A fé era a

¹⁹ Gláucia Loureiro de Paula, acadêmica do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, em Ciências da Religião (doutorado) na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Ciências da Religião-PUC GO. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Objetivo (RO); graduada em Teologia pela Faculdade Assembleiana do Brasil (GO). Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO (GO). Atualmente, Diretora Geral da Faculdade FASSEB – GO, Superintendente de Mulheres na Assembleia de Deus Ministério Fama, atuando como pastora. Professora convidada na Faculdade ISCON – DF. E-mail: glauciadepaula7@hotmail.com

²⁰ Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Posdoctorado em Derecho pela Universidad del Museo Social Argentino, Ciudad Autónoma de Buenos Aires - Argentina. Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana de Londrina (FTSA). Especialista em Estudo da Bíblia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE-BH), Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Alfredo Nasser (UNIFAN), Especialista em Análises Clínicas pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ), Especialista em Sociologia pela Faculdade Internacional Signorelli (FIS), Especialista em Logoterapia: Sentido da Vida pela Faculdade de Educação e Tecnologia do Espírito Santo (FETES), Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia de Boa Vista. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (FACIBRA). Membro da Equipe Multidisciplinar dos Cursos de Teologia EaD e Presencial e como Professor na Faculdade Assembleiana do Brasil - FASSEB.

²¹ Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologia pela Universidade Estadual de Goiás. Graduada em Letras (habilitação em português) pela Universidade Federal de Goiás (2010). Graduada em Pedagogia pela Fael (2022). Especialista em Linguística pela Faculdade AVM (2016). Especialista em Teologia Sistemática pela Faculdade FAIFA (2015). Atualmente é professora universitária na Faculdade Fasseb, nas disciplinas de Estágio em Práticas Pedagógicas e Missões Urbanas, Língua Portuguesa e Metodologia da Pesquisa Científica. Coordenadora da Comissão Própria de Avaliação na mesma Instituição. Professora nas Facções com as disciplinas de Fundamentos e Metodologias do Português, Língua Portuguesa, Práticas Pedagógicas e Didática.

representação de pertença àquela comunidade e a Deus, e essa fé promoveria a ordem a partir do caos, buscando a inclusão do indivíduo em seu contexto comunitário.

Palavras-chave: Lepra. Naamã. Conflito. Cura.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the meaning of leprosy in the Old Testament and on the conflictual relations presented in Naaman's historical narrative in 2Kgs 5:1-19. The objective is to analyze the possibilities of meaning and answers to the existential questions faced by leprosy and the possibility of death. It starts from the hypothesis that the story of Naaman presents itself as an image of relations of conflict and prejudice, which are attributed to this disease, and shows the Levitical bases of the Jewish faith, reflecting on disease, the search for health and healing in a cultural context where health, purity and holiness were evidence of God's blessing, and without it exclusion would be inevitable. Methodologically, through bibliographical research, it is noticed that religion legitimized the priestly power and the Levitical norms of purity and sanctity, through the field of the sacred, with its teachings and sacrificial rites. Faith was the representation of belonging to that community and to God, and this faith would promote order from chaos, seeking the inclusion of the individual in their community context.

Keywords: Leprosy. Naaman. Conflict. Cure.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre el significado de la lepra en el Antiguo Testamento y las relaciones conflictivas presentadas en el relato histórico de Naamã en 2Rs 5,1-19. El objetivo es analizar las posibilidades de significación y respuesta a las indagaciones existenciales que se sitúan ante la lepra y la posibilidad de la muerte. Parte da hypothese de que a história de Naamã se presenta como una imagen de relaciones de conflictos y prejuicios, que se atribuyen a esta enfermedad, y muestra las bases levíticas de la fe judía, reflexionando sobre la enfermedad, a busca por saúde e cura em um contexto cultural onde saúde, pureza e santidad eram evidencias da benção de Deus, e sem ela a exclusão seria inevitável. Metodológicamente, a través de la investigación bibliográfica, se percibe que una religión legítima o poder sacerdotal y como normas levíticas de pureza y santidad, a través del campo del sagrado, com seus ensinós e rites sacrificiais. Un fé era una representación de la pertenencia a esa comunidad ya Dios, y este fé promovería el orden desde el caos, buscando la inclusión del individuo en su contexto comunitario.

Palabras clave: Lepra. Naama. Conflicto. Curar.

INTRODUÇÃO

A história humana é permeada de relatos e fatos que evidenciam conflitos de caráter econômico, religiosos ou ético. Por conflito entende-se, conforme Silva (2011, p.2) que “cada nação, cada cultura, cada sociedade engendra modelos de relações sociais que são invariavelmente tecidas com os fios do conflito”. Pode acontecer um conflito entre pessoas, instituições e nações, bem como em questões em que não há acordo em vista de opiniões divergentes. Do ponto de vista teológico, as tensões e conflitos são efeitos da queda que invariavelmente afetou todas os níveis de relacionamentos; primeiro com Deus, depois entre os seres humanos, e por fim, com toda criação.

Robbins (2005, p. 326) define o conflito como um processo no qual o esforço é propositadamente desenvolvido por A no sentido de eliminar os esforços de B para alcançar um determinado objetivo através de alguma forma de bloqueio que resulta na frustração de B. O conflito pode ser visto como “estado provocado pela coexistência de dois estímulos que disparam reações mutuamente excludentes” (HOUAISS, 2001). A sociedade hebraica carrega em sua história muitas situações conflitivas relacionadas ao exílio, repatriação, cativeiro babilônico e reorganização da comunidade.

Na busca para o alívio de conflitos, sofrimentos ou doenças, busca-se compreender de que forma a experiência religiosa interfere no modo de conduzir a vida e no enfrentamento de situações adversas. Em meio a tantas motivações que encaminham a busca religiosa, está o desejo do ser humano de garantir sua vida no aqui e agora. A experiência religiosa se apresenta como elementar para a vida do ser humano em todas as culturas e em todos os tempos. Ela está inserida na existência humana, na indagação sobre o sentido da vida, das coisas, do mundo. Na vida humana encontra-se o espaço em que se evidenciam experiências com o sagrado.

Essas experiências religiosas procuram dar sentido à vida, porém as formas de vivenciar o sagrado são diversas. Algo que a teologia conservadora apresentará na perspectiva do reformador de Genebra como resultado da *semen religionis e sensus divinitatis*, ou seja: [...] desde o princípio do mundo não há religião nem cidade nem mesmo casa alguma que não tenha nada de religião,

nesse fato nós temos uma confissão tácita de que há um senso da Divindade gravado no coração de todos os seres humanos. (CALVINO, 2002 p. 56). De outro modo dizia Sousa Neto e Grangeiro (2023):

[...] por causa da queda, *semen religionis* e *sensus divinitatis* foram corrompidos conduzindo os seres humanos para o paganismo, levando-os a confundir a criatura com o criador.

Essa seria uma explicação teológica para a pluralidade de religiões no mundo, até mesmo para a divinização da natureza ou autodivinização humana explicitada hoje sob inclinações humanistas ou sob o peso do consumismo, da autoconstituição identitária, exigências de autonomia individual frente as estruturas sociais e abertura moral no campo da sexualidade. Tudo isso aponta para o coração apóstata do ser humano seduzido pela proposta ilusória da antiga serpente que lhe prometeu a própria divindade (SOUSA NETO; GRANGEIRO, 2023, p. 17).

Dessa forma, o sagrado se apresenta na vida e na história como “aquele que está além da esfera do cotidiano” (LEMOS, 2009, p.17). Diz-se que o sagrado é próprio da experiência religiosa, na verdade é entendido como alicerce da experiência religiosa, visto que, segundo Otto (1985) o sagrado é terrível e fascinante. A religião alimenta no indivíduo a esperança de realização de suas necessidades, o sagrado e a preocupação com a vida, caminham em direção à superação de conflitos. Por outro lado, uma abordagem de natureza teológica afirma o sagrado na experiência cotidiana, na ênfase em um Deus presentificado, não é apenas *absconditus* como Lutero afirmava, nem “totalmente outro” como pensava Barth, mas mergulhado em sua criação, portanto imanente, como pontua a escrita de Schaeffer (2002) em “um Deus que intervém”.

A doença por exemplo causa sofrimento e conduz à busca de significados, na tentativa de compreender uma experiência tão assoladora. Esses significados são moldados pelas crenças e estão inseridos em histórias de fé e compreensão do sagrado. Richter Reimer (2021) diz que “nosso objetivo é vida plena, libertação. A cura é uma experiência libertadora, ela é vital e ardentemente desejada”. Nota-se também, que esse anseio pode ser alcançado de fato, como endossa as Escrituras (Mt 10.8; 1Co 12. 6-11; At 3-4).

Isso o pentecostalismo clássico recupera em sua hermenêutica pneumática, pois entende que “é o Espírito Santo atemporal e imanente, que estabelece o vínculo de existência e pressupostos entre a palavra escrita no passado e essa mesma palavra no presente” (STRONSTAD, 2020, p. 44-45). De

outro modo, como pontua o teólogo pentecostal Byron D. Klaus (1996), uma “cosmovisão pentecostal também oferece imagens amplificadas de uma realidade não dualista que “reflete um modo de entender que abrange a realidade de todos os aspectos da vida - naturais e sobrenaturais.” (KLAUS, 1996, p. 592).

De todo modo, na compreensão desse contexto, propomos analisar a narrativa bíblica de Naamã, doente, leproso, que buscou possibilidades de significação e respostas às indagações existenciais que se colocaram diante da lepra e da possibilidade de morte. Refletir sobre a doença, a busca por saúde e cura em um contexto social e cultural de exclusão inevitável, que destacava a saúde, a pureza e a santidade como evidência da bênção de Deus. Aqui a religião legitimou o poder sacerdotal e as normas levíticas de pureza e santidade, através do campo do sagrado, com seus ensinamentos e ritos sacrificiais.

A lepra é uma das doenças que a humanidade tem conhecimento desde a mais remota antiguidade, pois existem menções documentadas da sua presença em papiros egípcios da época do faraó Ramsés II, desde 4300 a.C. (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014).

No centro do levitismo²² a fé era a representação de pertença àquela comunidade e a Deus, e essa fé promoveria a ordem a partir do caos, buscando a inclusão do indivíduo em seu contexto comunitário. Acredita-se que a lei constituía-se como a única forma preventiva, protetora que a comunidade dispunha para impossibilitar a destruição de toda uma nação em meio ao risco de uma epidemia. Além das prescrições da lei, uma teologia encantada da criação abria-se na possibilidade do miraculoso.

1 A CURA DE NAAMÃ EM 2RS 5,1-19

“Naamã, capitão do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor, e de muito respeito; porque por ele o Senhor Deus dera livramento aos sírios; e era este homem herói valoroso, porém leproso” (2Rs 5,1). Naamã, general de guerra muito respeitado, vivia cercado de pessoas importantes. Mas,

²² Levitismo diz respeito às instruções registradas no livro de Levítico, eu fazem referência ao culto, aos procedimentos corretos para fazer sacrifícios, para viver como um povo santo. Esse conhecimento permitia ao povo realizar seu culto de modo aceitável a Deus e também monitorar os sacerdotes, verificando se cumpriam devidamente a lei (LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 89).

apesar de todo o sucesso, escondia debaixo de sua vestimenta militar uma doença muito grave, a lepra. Era um homem importantíssimo e de muito reconhecimento na Síria, por ser um capitão do exército que havia vencido muitas batalhas e guerras para o seu rei

Ele possuía uma doença na pele e desejava ser curado. Quando as tropas da Síria invadiram Israel, uma menina israelita foi levada para trabalhar para a mulher de Naamã. Essa menina, vendo a lepra do seu senhor, disse à mulher dele que havia em Samaria um profeta que poderia curá-lo. Então, Naamã foi até o rei da Síria para lhe contar isso, de forma que o rei enviou uma carta ao rei de Israel dizendo que Naamã estava indo para lá para ser curado da lepra.

Ao receber a carta o rei de Israel julgou que o rei da Síria estava arrumando um pretexto para entrar em guerra contra Israel e ficou indignado, rasgando suas vestes (2Rs 5,7). Eliseu, o profeta, ficou sabendo que o rei rasgou as suas vestes, mandou dizer que deixasse Naamã vir até ele, para que soubessem que havia profeta em Israel (2Rs 5,8).

Então, Naamã foi ao encontro de Eliseu e, chegando à porta da casa do profeta, sequer foi atendido por ele. Eliseu mandou um mensageiro falar para Naamã que mergulhasse 7 vezes no Jordão para que fosse curado da lepra. Naamã ficou inconformado, pois como aquele "profeta" se atrevia a não atendê-lo, o capitão do exército da Síria? Isso era inadmissível para Naamã, pois esperava que o profeta se colocasse de pé, invocasse o nome do Senhor e pusesse a mão sobre a lepra para curá-la.

Naamã ainda questionou se os rios de Damasco não eram melhores do que todos os rios de Israel, seu orgulho estava ferido. Os servos de Naamã perceberam que era simples mergulhar sete vezes no rio Jordão, mas o que não era nada simples para o general abdicar de sua posição hierárquica.

No texto de 2Rs 5,1-19 encontram-se aspectos que apresentam um quadro conflitual. O centro de todo discurso gira em torno da lepra, porém mostra outros conflitos implícitos no texto, evidenciando que além da cura da lepra, havia necessidade de superação dos demais conflitos apresentados. São vários níveis de relações conflitivas que trataremos a seguir.

1.1 O puro-impuro no contexto bíblico do Antigo Testamento: relação com o livro de Levítico

Para a compreensão de lepra no contexto da sociedade hebraica descrita no episódio de Naamã, faz-se necessário uma leitura do livro canônico de Levítico, considerando seu contexto, sobretudo no que tange à lei de santidade e noção de puro-impuro que dizem respeito à cultura e religiosidade hebraica. No livro bíblico de Levítico, destacando o capítulo 13, encontramos as leis e regras sobre a lepra e o leproso, bem como o procedimento de como lidar com um indivíduo leproso naquela sociedade.

Em razão da experiência no cativeiro babilônico em 586 a.C., quando Nabucodonosor então rei da Babilônia, conquista Jerusalém, destrói o templo e leva parte dos moradores dessa cidade como prisioneiros, traumas foram gerados por essa invasão e deportação, bem como provocou inquietações internas que levaram a conflitos, tais como a divisão no meio do povo e revoltas que afastaram os israelitas de seus objetivos, dos ideais de construção de uma nação escolhida por Deus, referente à aliança entre Javé e os hebreus no Monte Sinai, através de Moisés (Ex 19). A convivência dos deportados com uma nova cultura, diferente de seus costumes e crenças religiosas, evidencia a influência dessa nova cultura no futuro daquela comunidade que vivera muitos anos distante de seu contexto original. Entre os exilados estão também os sacerdotes que continuavam mantendo suas atividades religiosas, buscando recuperação da nação de Israel.

Em 539 a.C. com a queda da Babilônia, a perda dessa identidade é restaurada pois Ciro conquista a região e inicia o domínio Persa, e esse era um governante conhecido como tolerante, a ponto de aceitar os hábitos dos babilônios e até adorar o deus deles. Ciro permite que os judeus exilados retornem a sua pátria e reconstruam seu templo. Porém essa era uma estratégia, era tolerante aos cultos, delegava poderes, mas monitorava todos os acontecimentos através de seu burocrático exército (PIXLEY, 1999, p. 93-96).

Nesse contexto de pós-exílio, com a retomada do controle do templo e da religião pelo sacerdócio levita, surge o livro de Levítico que relata as práticas ligadas ao culto e ao sacerdócio no Templo de Jerusalém, em meio a dificuldade de reconstrução de identidade que faz surgir a necessidade de uma legislação

que pudesse organizar a comunidade, prevenindo desvios de conduta e conflitos internos (CARDOSO, 2001, p.18). Este livro recebe o nome de Levítico por apresentar as atividades dos sacerdotes da tribo de Levi (BERGANT, 1999, p. 122). O livro trata sempre da vocação do povo hebreu para a santidade, conforme os preceitos sacerdotais, legitimando o poder do sagrado. Não se trata apenas de um livro de leis, mas “muito mais amplamente um código de postura composto por leis, rituais e instruções” (CARDOSO, 2001, p. 21).

Um dos principais conteúdos desse código de postura trata das leis de pureza, capaz de trazer o discernimento dos limites entre o sagrado e o profano, visto que a noção de impuro estava ligada a secreções, excreções corporais, lesões de pele, manchas em paredes de casas, conforme visto no corpo do livro de Levítico (CIMOSA, 1984, p. 21). Era como um requisito a pureza material, corporal, para manter a pureza ritual, a tendência é a incorporação da pureza a partir do cotidiano que leva o indivíduo à libertação do que o torna impuro perante Deus e sua comunidade.

Compreende-se que o tratado de leis era amplo e que não significava o surgimento de uma nova religião, mas era uma maneira de reforçar a religião pré-exílica, e dentro deste contexto, os sacerdotes retomavam com força o culto aos sábados, com a prática da circuncisão e a pureza ritual. A lei era o elo de ligação entre a organização social e religiosa daquele povo. Aqui os sacerdotes tornam-se os árbitros sobre os casos de pureza-impureza, pois os capítulos 13 e 14 de Levítico mostram que corpo e alma encontram-se interligados, os males do corpo físico eram vistos como resultado de transgressão da lei de Deus. A lepra é tratada no livro de Levítico e mostra estreita relação entre a noção de religiosidade da época.

As concepções de lepra no Antigo Testamento trazem o primeiro relato sobre lesões na pele, que poderiam ser associadas a lepra. Esse relato aparece em Ex 9, 8-12, no tempo de liderança de Moisés, em que praga de tumores e úlceras se espalhavam sobre homens e animais por todo Egito como punição à negação de faraó que não os havia libertado, mantendo-os em cativeiro.

Harris (1998, p. 1307) apresenta a palavra *tsara'at* que se refere a uma ampla gama de afecções de pele, não querendo mesmo significar lepra, tal como a conhecemos nos dias de hoje. Em Ex 9, 9-10 aparece outro termo *pãrah l* que

significa “erupção de lepra”, descrevendo lepra ou úlceras. Em levítico 13 e 14 ocorre o termo *pārah II*. Harris questiona se deve ou não fazer distinção entre os termos usados em Êxodo e Levítico. Nenhum deles é citado como sendo uma forma específica de lepra. Para o autor todos os termos são abrangentes e confundem-se com *tāme*²³, trazendo a compreensão de estado capaz de macular a pureza física de uma pessoa ou objeto, em razão de uma provável transgressão à lei de pureza espiritual. Essas doenças eram consideradas muito contagiosas pois até mesmo a morte provocada por elas era tratada com isolamento, o cadáver era isolado para que o mal não se propagasse.

Em relação a Naamã, quando a ele é feita a indicação para buscar o sacerdote, a ideia era que este aplicasse a lei, as medidas necessárias e descritas na lei, este sacerdote não tinha função terapêutica, não tinha função médica, mas cabia-lhe a interpretação da lei e nessa interpretação a função do sacerdote incluía atividade medicinal. Maciel (2018, p.133) diz que havia um processo de observação por parte do sacerdote, que também exercia as funções de médico ou curandeiro para identificar e diagnosticar a doença antes que fosse constatada e definida sua peculiaridade (Lv 13, 20-23).

1.2 A cura da lepra como fator de reinclusão física, social e religiosa

A associação da figura do leproso com a ideia de imundície e com a necessidade de exclusão, traz um olhar especial sobre a simbologia da lepra como representação de males físicos, psicológicos, sociais, religiosos. A doença é apresentada como experiência social de desordem, desigualdade e disparidade, capaz de promover a construção de uma narrativa de exclusão social. Eram necessárias medidas preventivas que estão citadas em Lv 13, como higiene pessoal e medidas de isolamento, até a veemente ação de banir a pessoa leprosa do convívio em sociedade, com exclusão da sua comunidade.

Storniolo (1995, p. 35-35) propõe uma interpretação desse contexto de regras, olhando para os domínios da cultura religiosa e retoma a discussão sobre

²³ O termo hebraico *tāme* é utilizado para “ser (ficar) impuro, imundo” e dele derivam diversos outros com o mesmo significado, tendo inclusive cognatos do aramaico, do judeu e do árabe egípcio. Esse termo portanto é traduzido por impuro, impureza, contaminar (CARDOSO, 2001, p. 38).

a lei de santidade hebraica, que possuía sua legislação própria em relação a condição de pureza. Para o autor a hipótese mais plausível parte da escolha de uma linha divisória entre natureza e cultura, entre profano e sagrado, e ele destaca que em relação às doenças consideradas *tsarat'at*, deve-se ponderar o que seja capaz de causar a morte, ou contaminação através do contato, e com isso acrescenta-se a esse grupo de doenças que causam impurezas as condições que possam contaminar vestes e habitações, por seu cunho distinto de capacidade de se alastrar. Cardoso (2001) comenta que naquele tempo eram desconhecidas as causas da lepra, e portanto, entendidas como incontidas através de ações humanas, pois:

...a linha divisória entre natureza e cultura tornava-se bem distinta, impondo a necessidade de se colocar cada coisa em seu devido lugar. Disto nascia tradição do exorcismo do mal, ao qual imputavam a culpa pela quebra da pureza. O próprio clamar-se impuro, à beira das estradas, permitia que o doente fosse reconhecido como tal e funcionasse por si mesmo como um mecanismo profilático de novos contágios (CARDOSO, 2001, p.44).

O texto de 2Rs 5, 1-14, apresenta um ato de cura por obra de um profeta, Eliseu, mesmo sendo o doente um “não fiel ao Deus único de Israel”. Em contrapartida na mesma narrativa vemos Geazi, servo do profeta, sendo acometido pela lepra como forma de punição por ter-se valido da graça da cura operada em favor do general Naamã, e este foi livrado de tal mal e obteve para si benefícios. Os relatos bíblicos demonstram a importância que era dada a essa questão, bem como a forte representação teológica, cultural e social.

O capítulo 14 de Levítico apresenta a necessidade de purificação aos que apresentassem qualquer forma de *tsara'at* com rituais normativos, através de oblações (Lv 14.10), aspersões, unções. O texto apresenta a lei do leproso no dia da sua purificação, o leproso a ser purificado era “levado ao sacerdote” (Lv 14:2), quando o leproso apresentava-se aparentemente curado e buscava sua restauração na sociedade, devia ser levado ao sacerdote, que se encontraria com ele fora da cidade.

A água, como elemento que representa a pureza em muitas sociedades, traduz nas escrituras sagradas o meio de salvação de Naamã. De acordo com as escrituras bíblicas, é por meio da imersão que o rio Jordão concedeu a Naamã a

sua cura. Como ele é curado, a cura permite a reinserção nos aspectos físico, social, psicológico, religioso.

2 A SUPERAÇÃO DE CONFLITOS EM RELAÇÃO AOS ESTRANGEIROS

Na narrativa bíblica a questão de estrangeiros é bem presente. “A perspectiva bíblica mostra que israelitas vivem no estrangeiro e também recebem estrangeiros em seu meio” (KLEIN, 2011, p. 196). O conflito através do texto revela bem essa relação entre estrangeiros e mostra um conflito que vai sendo superado. “Ora, Naamã, chefe do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor e de muito respeito, porque por ele o senhor dera livramento aos sírios. Este era um homem valente, porém leproso” (2Rs 5,1). Naamã foi um homem muito respeitado e considerado pelo rei da Síria. Ele era o comandante do exército sírio em Damasco, quando Jorão era rei em Israel.

Naamã tinha fama, tinha prestígio, era rico, era conhecido e reconhecido como um homem corajoso e valente. Frequentemente fazia investidas contra o território de Israel. Numa dessas ocasiões uma menina israelita foi capturada e levada para ser escrava na casa de Naamã (2Rs 5,2). Aqui encontra-se a identificação de ambos em relação a sua posição de estrangeiros. Diferentemente de Israel que punha os leprosos para fora do arraial, na Síria os leprosos não eram excluídos do convívio social. “Mas ele era um leproso” – isso não o excluiu da sociedade dos homens naquele país, onde a lei judaica não estava em vigor. Mas era um grande defeito para ele, e também provavelmente poderia ser mortal.

O relato bíblico diz que a menina escrava sugeriu que o general fosse ao profeta Eliseu, em Israel, em busca da cura. Havia esperança para um leproso. Os preparativos foram feitos e os documentos de apresentação elaborados, seguido de uma comitiva que dirigiu-se para Samaria. 2Rs 5,5 descreve: “Naamã partiu, levando consigo dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez mudas de vestidos”.

2.1 A superação dos conflitos geopolíticos entre Aram e Israel

Chegando a Israel, Naamã foi direto ao rei. Este, porém, ficou preocupado. Achou que era mais uma artimanha para um ataque aos israelitas.

O reino de Aram, cuja capital era Damasco, e é melhor conhecido pelo nome de Síria (SCHULTZ, 2009, p. 195), não era aliada de Israel, viviam em guerra, como se fazia naquele tempo. “Ora, o rei da Síria fazia guerra a Israel; e teve conselho com os seus servos, dizendo: Em tal e tal lugar estará o meu acampamento” (2Rs 6,8). Entre Israel e Damasco havia permanente estado de guerra. Os sírios atormentavam Jorão, rei de Israel, durante todo o seu reinado (LASOR; HUBBARD; BUSH, 2002, p. 223).

A história dos arameus tem seus primeiros paralelos com a história da formação do povo de Israel. No final do terceiro milênio a.C. os arameus estavam divididos em arameus ocidentais (sírios) e arameus orientais (caldeus), habitando na Alta e na Baixa Mesopotâmia (MERRILL, 2007 p. 12). Abraão surge entre os arameus orientais na Baixa Mesopotâmia, na cidade de Ur dos caldeus (Gn 11, 27-31), cidade de origem suméria que, contudo, tinha as portas abertas para caldeus (araméus). A linhagem de Terá, pai de Abraão, mostra que os caldeus eram semitas, assim como todos os arameus. Abraão em cerca de 2100 a.C., migrou com sua família de Ur dos caldeus para Padã-Arã, terra dos arameus ocidentais. Em Padã-Arã morreu Terá. Só então Abraão migrou para Canaã, a terra para a qual Deus o chamou e, posteriormente, prometeu dar-lhe em herança.

O livro de Josué mostra o contexto religioso em que os arameus viviam mostrando que a família de Terá, quando ainda habitava na Mesopotâmia, adorava “outros deuses” (Js 24,2). A adoração a esses ídolos não foi exclusividade araméica, mas foi um costume imitado por Israel no período dos juízes (Jz 17,5; 18,14-20), dos reis (1Sm 19,13-16) e até mesmo dos profetas pós-exílicos (Zc 10,1-2), constituindo um motivo de desagrado por parte de Deus e castigo sobre o povo.

Alguns intérpretes entendem que a época da ascensão do reino arameu, entre os séculos X e VIII a.C., coincidiu com um momento histórico favorável. O Egito conheceu uma dinastia inexpressiva e viu o Egito unificado dar lugar a um país dividido sob o domínio de vários líderes, ocasionando a diminuição do seu poder internacional. Nesse contexto favorável, os reis de Aram demonstraram grande disposição para disputar as terras a leste do Jordão por razões comerciais (KASCHEL; ZIMMER, 2005).

A estrada dos reis, chamada na Bíblia de “caminho do deserto de Edom” (2Rs 3.8), era uma das rotas comerciais que ligava o Egito à Mesopotâmia. Saía do Egito, passava por Cades-Barnéia, ao sul de Canaã, continuava a leste passando por Edom e subia a Transjordânia atravessando os territórios de Amon, Moabe, Gileade, chegando a Damasco e daí, à Mesopotâmia (HILL; WALTON, 2007, p.45). Por essa razão é comum a narrativa, nos livros de Reis e Crônicas, de guerras por causa dos territórios de Ramote-Gileade e da região de Basã entre reis arameus e israelitas. Diante desse histórico tão conflitivo, poderia ser que o leproso Naamã, chegava como prenúncio de um conflito geopolítico. Diz o texto canônico:

“Então disse o rei da Síria: Vai, anda, e enviarei uma carta ao rei de Israel. E foi, e tomou na sua mão dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez mudas de roupas. E levou a carta ao rei de Israel, dizendo: Logo, em chegando a ti esta carta, saibas que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra. E sucedeu que, lendo o rei de Israel a carta, rasgou as suas vestes, e disse: Sou eu Deus, para matar e para vivificar, para que este envie a mim um homem, para que eu o cure da sua lepra? Pelo que deveras notai, peço-vos, e vede que busca ocasião contra mim (2Rs 5, 5-7).

Jorão, rei de Israel, encarou a dita carta como uma catástrofe, um prenúncio de guerra, talvez. A necessidade do importante general estava por provocar uma espécie de cura de relações entre Israel e Aram, se aproximaram em razão de uma situação dolorosa e talvez fatal. O rei de Israel interpreta que o rei da Síria queria que ele curasse Naamã, e caso isso não ocorresse causaria problemas para Israel. Ao rasgar suas vestes ele quer mostrar sua incapacidade de fazer isso.

2.2 Superação de conflitos entre o poder real e o poder profético

A história de Naamã apresenta uma relação de conflito entre rei e rei. Através da intervenção do profeta Eliseu esse conflito é um pouco amenizado. Percebe-se ainda um conflito entre o profeta e o general, bem como entre o profeta e o rei de Israel. O rei de Israel fica irado por não conseguir curar o general, particularmente o recado era para que o rei curasse. O rei rejeita totalmente essa possibilidade. E com a intervenção do profeta vem a cura. Aparece aí então o

conflito entre o poder real e o poder profético. Quando o rei de Israel se desespera por causa de sua incapacidade de atender a um pedido tão impossível, que ele toma como uma provocação para uma nova batalha, o profeta Eliseu se apresenta para remediar a situação (MENN, 2008, 347).

A crise no palácio em Samaria indica um medo de que a busca do inimigo por cura pudesse se tornar motivo de violência e matança. O profeta fica sabendo de toda situação e pede para que Naamã fosse trazido até ele. No entanto, o profeta sequer recebe Naamã. Antes, manda um mensageiro dar a ele um recado: “Então, Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será restaurada, e ficarás limpo” (2Rs 5,10).

Ao sugerir que Naamã mergulhe no Rio Jordão, há uma atitude de negação por parte do general, pois considerava a qualidade do rio inferior aos rios da Síria. “Não são Abana e Farfar, rios de damasco, melhores do que todas as de Israel?” (2Rs 5,12). Em outras palavras, se era para vir e tomar banho no Jordão, eu podia mergulhar nos rios de Damasco. Nas margens do Jordão não existia cidade alguma notável, não era rio para movimento comercial e ou para pesca (BUCKLAND, 1993, p. 243). Naamã considerava Rio Jordão em comparação aos rios da Síria, e outros que conhecia como um pequeno riacho de águas barrentas e imundas que nada iria trazer a cura da lepra que tanto o importunava. Surge aí um conflito entre o rio de cá e o rio de lá.

Nwaoru (2008, p. 35) comenta que, da parte de Eliseu, o profeta, ele é apresentado operando em sua própria casa em Samaria. Sua atitude para com Naamã não depende do consenso ou da autoridade do rei, mas é motivada pelo desejo de fazer Naamã, o sírio, “chefe do exército”, aprender que há um profeta em Israel (2Rs 5, 8). Neste processo, Eliseu rompe as fronteiras da religião israelita que considerava Naamã, um estrangeiro leproso, como marginal à sociedade israelita e ritualmente impuro.

Embora o rei arameu exigisse que o rei de Israel realizasse uma cura para seu comandante leproso, o poder de cura não estava no poder dos reis. Sua área de perícia é guerra, matança e morte (MENN, 2008, 342). O papel do profeta na cura é totalmente esquecido na crise internacional causada pela busca da cura de Naamã. Nessa narrativa percebe-se que a intervenção de governantes provoca

choque de interesses, diferenças ideológicas e até obstáculos para reinserção social de Naamã, bem como sua cura.

3 MUDANÇAS HIERÁRQUICAS COMO INSTRUMENTO DE CURA

A passagem bíblica em questão propõe uma “leitura como forma de representação do mundo e de existência, as quais constituem o imaginário que é permeado de valores e expectativas” (RICHTER REIMER, 2021, p. 53). Os valores e expectativas da comunidade nesse tempo histórico apresenta-se cheio de representações de mundo que consistiam no imaginário dessa comunidade, manifestada por meio de suas concepções e anseios religiosos.

O texto apresenta uma linguagem simbólica que se insere no campo do imaginário, através das diversas formas de comunicação. Swain (1994, p.46) diz que “a vida social produz, além de bens materiais, bens simbólicos e imateriais, um conjunto de representações”. Para a autora o imaginário age através da paráfrase, que é a repetição sob outra forma de interpretação, e age também através da polissemia, que é a concepção de novos sentidos, uma outra visão (p. 52).

A passagem de 2Rs 5 se apresenta com essa possibilidade de leitura polissêmica, que poderíamos denominar de conflitos geopolíticos, e esses são tratados a partir do contexto da história de Naamã, um leproso. Há um conflito de hierarquias, uma inversão de posições. Ferreira (2011, p. 31) comenta esse “modelo conflitual” que procura identificar as classes sociais, o relacionamento global entre as pessoas envolvidas, e então analisa as contradições, tensões e conflitos que se manifestam diante das explorações de um grupo pelo outro. O texto é lido dentro do conjunto do dinamismo da sociedade em todas as dimensões que constituem a vida social (GORGULHO; ANDERSON, 1987)

3.1 A iniciativa da serva da esposa de Naamã

Diálogos da serva²⁴ com sua senhora revelam uma inversão hierárquica, a iniciativa da cura da lepra é da serva de Naamã uma escrava. De Israel vem a solução, através da palavra de uma escrava. A menina israelita é capaz de identificar uma fonte de cura para a doença de Naamã. As interpretações bíblicas da história de Naamã tem destacado personagens principais como Naamã ou Elias, para contar a cura e conversão ao de Deus amor universal. Mas esta história não seria possível sem a escrava que desencadeou os acontecimentos que levaram à cura de Naamã, mesmo em uma situação que possa ter envolvido riscos para ela (KIM, 2005, p.49).

A menina não se intimidou mesmo em sua condição de escravidão (NWAORU, 2008, p. 29). "Se ao menos meu senhor estivesse com o profeta que está em Samaria! Ele iria curá-lo de sua lepra" (2Rs 5, 3). Suas palavras para sua senhora mudaram um ambiente de conflito. Nwaoru (2008) diz que a concordância de Naamã em agir rapidamente a indicação de uma garotinha israelita apresenta uma ironia não apenas no contraste entre Naamã, o nobre sírio e poderoso general do exército, e a pequena israelita, mas também no dono da casa recebendo e obedecendo a palavra de uma criada.

As palavras da menina não expressam reclamação, ou maldição, o que se poderia esperar de alguém cativo da guerra forçado a servir o inimigo. Em vez disso, revela um coração cheio de compaixão e desejo apenas de cura para o comandante que a levou a para o cativo (MENN, 2008, p. 348). Ela também quer tornar conhecido o poder de vida que está entre seu próprio povo, através o profeta em Samaria. Seu conselho torna-se no palácio do rei uma ordem impossível e uma crise internacional. Em contraste, a menina foi capaz de perceber a humanidade do general arameu, sua fragilidade e mortalidade básicas. Ela também apontou para o poder do profeta de Deus em Samaria.

²⁴ Segundo Harris (1998, p.1066), o termo *'ebed* tem como tradução: escravo, servo, empregado, criado. עבד *'ebd* vem do verbo עבד (*'abad*) que significa trabalhar (Êx 5, 18), cultivar a terra (Gn 2, 5, 2, 15), servir, ou trabalhar para outro (2Sa 16, 19; Êx 21, 6), com a preposição ל se traduz "servir-se de" (Lv 25, 46), prestar serviço em um culto (Nm 3, 7; 8, 25), celebrar um rito, servir, render culto (2Rs 21, 3; Ex. 3, 12). A forma aparece 799 vezes no Antigo Testamento. Conquanto a ideia fundamental de *'ebed* seja a de escravo, em Israel a escravidão não era algo tão repulsivo, visto que a condição de escravo envolvia direitos e, frequentemente, cargos de confiança. Por vezes o termo "servo" era empregado como uma referência humilde e educada a si mesmo (Gn 33,5). Campos (2021, p. 14) diz que o termo hebraico *'ebed* – que significa escravo – só permite sua compreensão segundo o contexto: pode tratar-se de verdadeira escravidão no sentido técnico de sujeição involuntária ou da simples dependência do empregado doméstico ou do trabalhador que presta seu serviço em troca de um salário.

Depois que Naamã mergulha no Jordão, sua carne é restaurada, como a carne de um "pequeno menino" (5,14). Naamã torna-se como a "menina" no início da história em sua carne pura, e também, finalmente, em seu reconhecimento do Deus de Israel que trabalha para a cura através do profeta em Samaria (MENN, 2008, p. 345).

3.2. A iniciativa do servo que chama de volta Naamã (v. 13)

Ainda sobre a questão hierárquica envolvendo servos, há um segundo escravo servo do general que o convence de mergulhar no Jordão. Quando o general vai se lavar e não vê resultado entra em cena mais um escravo. Novamente um escravo instiga uma mudança de visão.

O papel dos servos na história não deve ser subestimado. Eles se destacam pela solidariedade que a fé requer para florescer. O uso de persuasão e lógica ponderada em seu mestre definitivamente produziu um resultado imenso. (NWAORU, 2008, p.31). Os servos de Naamã salientaram que Eliseu não determinara nenhuma coisa difícil, e se o tivesse feito, o general o faria rapidamente. Naamã se aborrece diante de uma tarefa simples. Somente a intervenção de seus servos impediu que ele deixasse de atender a tão simples recomendação.

(MENN, 2008, p.341). Conforme a história avança, encontramos outros usos notáveis dos adjetivos "grande" e "pouco." Naamã, que era "grande" recusa a "pouca" instruções que Eliseu dá por meio de um mensageiro. Uma grande demanda do profeta estaria de acordo com o status importante como um grande homem (2Rs 5, 1). O olhar dos servos supera o de Naamã que tenta resistir à lavagem nas águas do Jordão, que era inferior a qualidade das águas do Abana e do Rio Farpar fluindo por Damasco (5,12).

3.4 Os deuses de Aram e o Deus de Israel

A questão dos deuses é uma questão central. Os arameus tinham uma divindade Hadade-Rimom, o Baal canaanita, (2Rs 5, 17-18) deus do trovão, do vento e da chuva, deus da fertilidade adorado pelos sírios. Seus adoradores

acreditavam que quando ele morria as plantas secavam (Zc 12, 11) e, por isso, ele era pranteado (KASCHEL, 2005). Hadade-Rimom era a deusa do amor e da fertilidade. Para celebrar a união entre esses deuses, os arameus praticavam a prostituição cultural.

Essa prática era considerada reprovável para os Israelitas. Os escritos bíblicos do Antigo Testamento mostram, do início ao fim, a realidade do monoteísmo, “a proibição de se adorar outras divindades já é pressuposta em Gênesis e formulada claramente no Sinai (Ex 20,2)” (CRÜSEMANN, 2001, p. 781). Na leitura crítica de Reimer (2006, p. 115) ancorada na crítica textual, o autor aponta, sobretudo o século V a.C como o momento histórico marcante, em que YHWH vai se constituindo como Deus único de Israel, desencadeando um “processo de diabolização de outras divindades”. Evidentemente autores mais conservadores discordam, pois, entendem que: “Primeiro e Segundo Reis foram escritos antes do cativeiro de Judá e parecem enfatizar o ponto de vista de um profeta” (WIERSBE, 2009, p. 274).

Apresenta-se então um conflito entre o Deus de Israel e os deuses de Aram. Naamã faz promessa de não oferecer mais holocaustos a outros deuses mas somente a YHWH. Existe então uma inversão nesse sentido do sacrifício. Seria também uma solução de conflito? O Deus do profeta é quem traz da cura. Há uma conversão de Naamã e não apenas a cura da lepra. O general estava extasiado, agora ele poderia voltar a Damasco. Esta maravilha trouxe-o a um ato de fé: “Agora sei que não há Deus em toda a terra somente em Israel” (2Rs 5,15).

Naamã desejou pagar pela cura, porém Eliseu atribuiu todo poder curativo ao Deus da vida, recusou o pagamento. O general então reconhece o Deus de Israel, ele tinha noção dessa particularidade teológica, este não era um Deus genérico. No entanto, sua promessa é seguida de pedido de perdão:

Nisto perdoa o SENHOR o teu servo, que quando meu senhor entra na casa de Rimom para adorar ali, e ele se apoia na minha mão, eu me curvo na casa de Rimom; quando me curvo na casa de Rimom, o SENHOR perdoa o teu servo nesta coisa (Lv 5,18).

Em seu momento de êxtase, ele não notou a contradição. Ou talvez soubesse, naquele instante, que tinha prometido demasiado, que ele tinha prometido adorar apenas YHWH. Como general renomado, certamente em dada

situação voltaria a se curvar a divindade da Síria. Era uma questão politicamente necessária a ele. O general sabia que seria uma afronta contra Elias e contra seu Deus.

Elias despede o general: “vai em paz” (2Rs 5,19) pois encontrava-se em um negócio de paz. Brueggemann (2012, p.33) comenta que, talvez o profeta desejasse contribuir para uma possível paz entre Israel e a Síria, que viviam constantemente em guerra. Elias sabe que o que vem de YHWH revela amor, e quem sabe esse amor tornaria possível vencer não apenas a lepra, mas também “doenças geopolíticas”. Seria um tipo de ação para o bem comum.

A cura também aponta para outras questões de natureza teológica, sobretudo ao considerar o alvo da intervenção milagrosa, um estrangeiro. Nos termos de uma teologia bíblica pentecostal assume-se a universalidade da oferta da graça, cujo epicentro é a própria igreja de Cristo que esvazia o essencialismo étnico e se abre para os povos, as línguas e nações, como bem disse o apóstolo Paulo aos Romanos: “É porventura Deus somente dos judeus? E não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente, Visto que Deus é um só, que justifica pela fé a circuncisão, e por meio da fé a incircuncisão” (Rm 3. 29-30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das indagações que se colocam em relação a lepra, a história de Naamã traça um caminho em busca de alívio para seus conflitos, sofrimentos e a doença. A experiência religiosa de Naamã interferiu em sua maneira de enfrentar situações adversas, ele buscou garantir sua vida naquele momento conflitivo. Em todo enredo em busca dessa cura, percebeu-se a necessidade do enfrentamento de vários conflitos, não apenas físicos, mas também psicológicos e sociais.

A noção de puro-impuro no contexto da história baseia-se em preceitos religiosos, com vistas a um estado de santidade e pureza que os aproximaria de Deus, e essa era a base da vida e da religião da comunidade judaica, somente através da obediência às leis descritas em levítico seria possível manter a integridade do indivíduo e sua inclusão social.

Aspectos como o rompimento de conflitos relacionados a hierarquia se destacam, em especial no que tange a postura da menina, serva da esposa de

Naamã, que mesmo em meio a um contexto adverso, não deixa de crer no Deus de Israel, em sua compaixão e poder. As palavras da menina desafiam as pretensões dos poderosos e oferecem esperança para cura e vida. Esta narrativa apresenta um contraste irônico entre grande e importante, senhor e servo, pequeno e insignificante, invertendo o valor usual.

As interpretações bíblicas da história de Naamã concentram-se em Elias ou Naamã a fim de destacar a conversão de Naamã ao Deus de Israel, um Deus de amor universal, fato esse citado por Jesus no Evangelho de Lucas (4. 27) como um exemplo do cuidado de Deus para com os gentios a fim de indicar seu objetivo de incluí-los entre o povo de Deus. O Senhor Jesus referiu-se à cura de Naamã como um exemplo da graciosidade de Deus em favor dos homens, uma graça não limitada ao povo de Israel, mas universal, oferecida a toda a humanidade, o que não se traduz em universalismo. Essa releitura neotestamentária de Levítico, coloca a vida do ser humano nas mãos de Deus, Jesus apresenta o levitismo sob um novo olhar, só dele provém a cura dos males da humanidade e só por ele se alcança o estágio máximo de pureza. Notadamente, a teologia pentecostal que se abre radicalmente para Deus, admite exatamente isso, o evangelho pleno onde Jesus é o que salva, cura, batiza no Espírito Santo e brevemente voltará.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia Sagrada**. Ed. rev. e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995
- ALVES, E. D.; FERREIRA, T. L.; FERREIRA, I. N. **Hanseníase: avanços e desafios**. Brasília: NESPRON, 2014.
- BERGANT, Diane, e KARRIS, Robert Jr (orgs). **Comentário bíblico**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRUEGGEMANN, Walter. **Elisha's gift to Naaman Perpetual shalom**. Christian Century August 8, 2012, 30-34.
- BUCKLAND, A. R. **Dicionário Bíblico Universal**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- CALVINO, João. **As Institutas**: Edição especial para estudo e pesquisa. Vol.1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- CAMPOS, Diego de S. A. **Um estudo sobre a escravidão em suas relações com a hierarquia social**: heranças e particularidades da instituição escravocrata.

Rio de Janeiro: Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11401>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

CARDOSO, Leonardo Mendes. **Inclusão social prevista, exclusão inevitável: saúde, pureza e santidade no contexto do Levítico 13 e 14.** <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/799>.

CIMOSA, Mario. **Levítico e Números.** Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1984.

CRÜSEMANN, F. **Elias e o surgimento do monoteísmo no Antigo Israel.** *Fragmentos de Cultura.* Goiânia, V. 11, nº 5, 2001, p. 779-790.

CFERREIRA, Joel A. **Paulo, Jesus e os Marginalizados:** leitura conflitual do Novo Testamento. 2.ed. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

GORGULHO, G. e ANDERSON, A. F. **"A Leitura Sociológica da Bíblia".** In *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 2, 1987, p. 6-10.

HARRIS, R. Laird, et al. **Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

HILL, Andrew E., WALTON, J.H. **Panorama do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2007

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KASCHEL, W., ZIMMER, R., & Sociedade Bíblica do Brasil. **Dicionário da Bíblia de Almeida.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; 2005.

KIM, Jean Kyoung. **Reading and Retelling Naaman's Story (2 Kings 5).** *Journal for the Study of the Old Testament* v. 30, n.1, 2005, p. 49-62.

KLAUS, Byron D. A Missão da Igreja. In: HORTON, Stanley M. **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 579-607.

KLEIN, Renate Andrea. **Todas as pessoas são estrangeiras em quase todos os lugares:** aspectos da Teologia pós-exílica nos exemplos de Rute e de Jonas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: v. 51, n. 2, p. 196-212, 2011.

LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento.** Tradução de Lucy Yamakai. São Paulo: Vida Nova, 2002.

LEMOS, Carolina Teles. O sagrado e a experiência religiosa. In: REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, João Oliveira. **O Sagrado na Vida:** subsídios para aulas de Teologia. Goiânia: PUC Goiás, 2009, p. 17-23.

LEMOS, Carolina Teles. Religião e sentido da vida. In: REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, João Oliveira. **O Sagrado na Vida:** subsídios para aulas de Teologia. Goiânia: PUC Goiás, 2009, p. 31-36.

MACIEL, Roseli Martins Tristão. **A lepra no oriente e no ocidente.** *Revista Mosaico*, Goiânia: v.11, p. 131-143, 2018.

MENN, Esther M. **A Little Child Shall Lead Them: The Role of the Little Israelite Servant Girl (2 Kings 5.T-19).** *Currents in Theology and Mission* v. 35, n. 5, 2008, p. 340 -349. .

MERRILL, Eugene. **História de Israel no Antigo Testamento.** São Paulo: CPAD, 2007.

NWAORU, Emmanuel O. **The Story of Naaman (2 Kings 5:1-19):** Implications for Mission Today. *Swedish Missiological Themes*, v. 96, n. 1 , 2008, p. 27-41.

OTTO, Rudolf. **O sagrado.** Tradução de Procópio Velasquez Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista. 1985.

PIXLEY, Jorge. **A História de Israel contada pelos pobres.** Petrópolis: Vozes, 1999

REIMER, H. **Sobre os inícios do monoteísmo no Antigo Israel.** *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, vol. 13, nº 5, 2003, p.967-987.

RICHTER REIMER, Ivoni. **Milagre das Mãos:** curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural. E-book gratuito: <http://oikoseditora.com.br/obra/index/id/1116> , 2021.

ROBBINS, S. P. *Comportamento Organizacional.* 11ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SANTOS, Washington da Silva; SILVA, Edvania Gomes da. **A memória sobre a lepra no discurso fundador religioso.** *Caminhos*. Goiânia, v. 18, n. 1, 2020, p. 13-30.

SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que Intervém.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

SILVA, Marcos José Diniz. **O conflito social e suas mutações na teoria sociológica.** *Qualit@s Revista Eletrônica*, v. 1, n.2, 12 pág., 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230850209.pdf>.

SOUSA NETO, Fábio de. GRANGEIRO, C. Alessandra Carlos. **Tópicos especiais em teologia sistemática:** o ser de Deus e os mandatos divinos. Goiânia: FASSEB, 2023.

STORNILO, Ivo. **Como ler o livro de Levítico:** formação de um povo santo. São Paulo, Paulus, 1995.

STRONSTAD, Roger. **Hermenêutica pentecostal:** Espírito, Escritura e teologia. Trad. Maurício Bezerra. Natal: Editora Carisma, 2020.

SWAIN, Tânia Navarro (Org). **Você disse imaginário?** In: *História no plural*. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1994, p. 43-67.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe Antigo Testamento**. São Paulo: Geográfica 2008.